



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6377 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

“SÓ MACHOS E DISCRETOS!”: PEDAGOGIAS DE MASCULINIDADES NO TINDER

Alcidesio Oliveira da Silva Junior - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Jeane Félix da Silva - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

“SÓ MACHOS E DISCRETOS!”: PEDAGOGIAS DE MASCULINIDADES NO TINDER

*

1 INTRODUÇÃO

Vivemos na contemporaneidade um aprofundamento das relações mediadas pela internet, ressignificadas por meio das tecnologias digitais de comunicação em suportes diversos como computadores e *smartphones*. Consoante todas essas mudanças, o Tinder, aplicativo para celulares e computadores que favorece usuários/as cadastrados/as se aventurem em encontros amorosos e/ou sexuais, emerge em 2012 como um novo território promotor de sociabilidades. São 59 milhões de pessoas cadastradas no aplicativo em cerca de 190 países, rendendo à *Match Group*, controladora da marca, 1,2 bilhões de dólares apenas no ano de 2019^[1].

São dados que apontam para a importância atribuída, nos dias de hoje, aos aplicativos de paquera na mediação dos relacionamentos e para as novas aprendizagens quanto aos modos de viver e ler o mundo, nos fazendo ampliar o conceito de pedagógico e de formação de subjetividades para além dos espaços escolares. Este texto é um recorte de uma dissertação do Mestrado em Educação que busca problematizar, à luz do campo dos Estudos Culturais da Educação, de que forma o Tinder opera como uma pedagogia cultural de gênero e de sexualidade entre os homens que buscam no aplicativo relacionamentos homossexuais.

Como fio condutor da reflexão a ser apresentada aqui, buscamos analisar como os discursos de masculinidade atuam sobre os modos de ser homem no Tinder, reverberando em processos de (re)significação nas/das falas, práticas e corpos dos usuários cadastrados, revelando a operação de pedagogias de gênero e de sexualidade. Para tanto, por meio de uma pesquisa qualitativa e descritiva (TRIVIÑOS, 1987; GIL, 1999), de inspiração etnográfica

(MARCUS, 2001), imergimos durante 08 meses no aplicativo lançando mão da observação participante com registro em diário de campo, na geografia digitalizada do ciberespaço, compreendendo-o como “[...] um mar de subjetividades, no qual deságuam todas as criações humanas” (BRITTO, 2009, p. 141).

Ao todo, 523 homens corresponderam ao perfil da pesquisa, no que o aplicativo chama de *matches*. Desses, 39 usuários mantiveram contato regular, sendo abordados por meio de conversa informal e entrevista semiestruturada. Entre as temáticas correntes nas conversas (“imagem”, “amor” e “masculinidades”), destacamos o último termo a fim de construirmos breves apontamentos para esse texto por meio de uma análise cultural que coloca em foco a cultura, a linguagem e o poder nos processos de significação (SILVEIRA; MEYER; FÉLIX, 2019), sinalizando as pedagogias de masculinidades que se movimentam produtivas no Tinder.

2 EXPANDIDO O PEDAGÓGICO: AS PEDAGOGIAS DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE

Quais modos de ser homem são valorizados nas sociabilidades gays? Esta pergunta reverberou a todo momento durante a pesquisa, pois compreender os jogos de poder que atuam produzindo significados de ser homem (in)desejado no Tinder fez parte do enredamento de sentidos postos em ação por meio das aprendizagens de gênero e de sexualidade no aplicativo. A linguagem, o discurso, as representações que ali se movimentam revelam uma pedagogia atuante, pois “[...] a experiência com diferentes linguagens nos faz partilhar sentidos e significados (representações) por meio dos quais também somos produzidos” (CARVALHO, 2015, p. 72).

Ao pensar o Tinder como uma pedagogia cultural, temos em mente um conceito potente nos debates dos Estudos Culturais da Educação, ao sinalizar para a constituição dos sujeitos que se opera por meio de produtos culturais diversos da contemporaneidade, como “[...] textos televisivos, jornalísticos, radiofônicos, publicitários, fotográficos, filmicos, assim como aqueles das assim chamadas novas mídias” (COSTA; ANDRADE, 2015, p. 846). São suportes da cultura potentes na produção de sentidos e na condução de condutas que revelam uma vontade de pedagogia, uma vontade de governar, capaz de “modificar os modos dos sujeitos estarem no mundo” (CAMOZZATO, 2012, p. 21).

Compreendemos que estes lugares anômalos, pouco explorados pelo campo da educação, mas que carregam uma força pedagógica (ELLSWORTH, 2005), são demarcados por relações de poder circunscritas em práticas de sociabilidade. São modos de desejar, de se apresentar nos perfis cadastrados, de se vestir, que revelam aprendizagens frutos das experiências cotidianas no Tinder, dos processos de valorização ou desvalorização que cercam as homoafetividades e seus fluxos rumo às adequações privilegiadas de masculinidade.

Se o poder é “um modo de ação de alguns sobre outros” (FOUCAULT, 1995, p. 242) e se “o sujeito é iniciado através de uma submissão primária ao poder” (BUTLER, 2019, p. 10), podemos reconhecer que uma vontade de pedagogia, de (auto)governamento, movimenta-se nos mais diversos textos culturais aos quais estamos inscritos como sujeitos de uma determinada cultura. São pedagogias, portanto, “infiltradas em todos os domínios, acionadas, assim, para guiar e gerenciar vidas, dirigindo os sujeitos a determinados caminhos e modelos de referência válidos e desejáveis nos tempos de hoje” (CAMOZZATO, 2012, p. 93).

Dessa forma, compreendemos que a sexualidade e o gênero não são ‘naturais’, mas

que a sua produção “envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções...processos profundamente culturais e plurais” (LOURO, 2001, p. 11). Toda esta movimentação de práticas sociais e culturais caminham em direção a um modelo de referência valorizado na sociedade, o da heteronormatividade, organizando a norma, produzindo o centro e os lugares do ex-cêntrico (fora do centro) e do a-normal (fora da norma) (ZAGO, 2009).

Assim, discursos em torno de uma masculinidade hegemônica vivida por uma construção social sexista e homofóbica (KIMMEL, 1998), tornam-se performaticamente produtores de formas valorizadas de ser homem, alcançando uma ideia de gênero com vontade de ‘naturalização’, um jogo performativo, reiterado e produtivo que visa um efeito de essência (BUTLER, 2018). Pedagogias de masculinidade, portanto, que para sustentar a lógica binária heterossexual rejeitam outros modos de ser homem, como os afeminados, jogando-os à marginalização dos desejos, a um processo de subalternização desses corpos, de depreciação da sua (auto)imagem, consolidando hierarquizações de gênero aprendidas cotidianamente em uma sociedade heteronormativa.

3 CONVERSANDO COM OS *MATCHES*

As conversas com os usuários do Tinder, os textos que circulam nas descrições dos perfis e os homens sugeridos pelo próprio aplicativo em uma lista de 10 perfis “Principais Escolhas” que se atualiza a cada dia, ilustram a supervalorização da masculinidade hegemônica, marcada inclusive por meio de um determinado tipo de estética, em consoante com as representações midiáticas de homem viril, malhado e sem qualquer traço que denuncie uma “feminização” na sua performance imagética. Aqui elencamos alguns enxertos das conversas com os *matches*, organizando-as em torno da problematização de pesquisa.

“[Eu prefiro] os discretos, normais com jeito de homem, preferência por passivos discretos! [...] sem traços, voz e trejeitos afeminados, nada contra...questão de tesão mesmo” (Alexandre[2], 44 anos)

“Não ligamos para magros ou gordos, mais [sic] nosso critério são pessoas de perfil masculino, discretos, com aparência de maturidade [...] através da imagem dá pra identificar as características da pessoa. Tipo de roupa, pose que a pessoa tirou a foto... pessoas afeminadas gostam de tirar foto fazendo poses femininas tipo dando, soltando beijo, levantando uma das pernas com batom e através da voz também em conversas de áudio” (Casal Aventureiro, 32 e 25 anos)

Os depoimentos apontam para a materialização dos discursos generificados em torno de identidades binárias e rígidas em sujeitos lidos distintivamente como “homens” e “mulheres”, uma relação de oposição construída culturalmente, pois as identidades “[...] adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelas quais elas são representadas” (WOODWARD, 2014, p. 08). São atos performativos inscritos em corpos sexualizados pela cultura que produzem determinadas formas de gênero, uma “[...] realidade fabricada como uma essência interna [...] com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora” (BUTLER, 2018, p. 235). Formas de ser homem e de ser mulher que são “sugeridas, anunciadas, promovidas [e ensinadas] socialmente” (LOURO, 2001, p. 09) nas mais diferentes pedagogias culturais que operam práticas de gênero e de sexualidade, visando reconhecimento social legítimo das performances esperadas de masculinidades e feminilidades bem demarcadas e desejadas nas sociabilidades.

“Sim [já fui rejeitado no aplicativo por ser afeminado] e foi horrível. Eu até tentei mudar, mas depois vi que o errado não era eu. A pessoa perguntou se sou afeminado, eu respondi que

sim e ela me bloqueou e outro rapaz me xingou também na rede social por isso” (Carlos, 20 anos).

“[No Tinder] geralmente existe uma exclusão ou marginalização dos mais afeminados. Uma recriação do machismo da sociedade e tal. De forma geral, pessoas que se mostram “afeminadas” tendem a levar menos likes. Isso acaba gerando ao longo do tempo um sentimento de não pertencimento no app, às vezes sentimento que se expande pra relação à comunidade ou até a sociedade” (Dudu, 26 anos).

“Aprendi [com o Tinder] que no mundo gay existe muita, muita segregação: Ahhh não curto afeminados, ahhh não curto gordos. SÓ passivo ou SÓ ativo...enfim, inúmeros filtros que não deixa de ser uma segregação” (Tácio, 19 anos)

Os depoimentos de Carlos, Dudu e Tácio apontam para as práticas de exclusão a determinados modos de masculinidade que são postas em circulação no aplicativo. Dudu reconhece o quanto a rejeição dos afeminados afeta a sua autoestima e seu sentimento de pertencer à comunidade de homens desejáveis no Tinder. Se o “sujeito é produzido ‘como um efeito’ do discurso e no discurso, no interior de formações discursivas específicas, não tendo qualquer existência própria” (HALL, 2014, p. 120), percebemos modos aprendidos de valorização ou desvalorização em meio à cultura heteronormativa que produz estes homens nas suas sociabilidades. Uma pedagogia, portanto, que age “[...] nos recantos, nas reentrâncias das vidas, atuando e incitando a sucessivas atuações sobre nós mesmos” (CAMOZZATO, 2012, p. 39), produtora das subjetividades e das posições de sujeito convocadas em meio aos discursos.

Para Zago (2007, p. 147), “o homem ‘afeminado’, então, surge como o antípoda simétrico do homem ‘macho’, surge como aquela abjeção contra a qual ele deve se colocar”, o que sinaliza para as hierarquias entre as masculinidades e os processos de (des)valorização permeados de poder que se fazem presentes nas sociabilidades gays, neste caso, da internet. São modos de ser e viver na contemporaneidade, como argumenta Camozzato (2018), produzidos pelas múltiplas estratégias das pedagogias que se materializam nos mais diferentes artefatos culturais que circulam nas mídias, resignificando-se em meio às práticas sociais cotidianas e que se repetem visando a naturalização de determinadas formas de gênero e de sexualidade.

4 CONCLUSÃO

O recorte da pesquisa de mestrado aqui apresentada apresenta pistas sobre a produção de masculinidades no Tinder, indicando que esse aplicativo se configura como uma potente pedagogia cultural que educa sobre gênero e sexualidade, reforçando a heteronormatividade e um tipo masculinidade, como estratégia de regulação de corpos e subjetividades. O texto indica o Tinder como um artefato cultural que educa sobre determinados modos ‘adequados’, esperados e reproduzidos de ser e agir como homem em uma cultura de matriz heterossexual.

Na organização dessas práticas, também percebemos modos de ser homem que são marginalizados, indignos de serem desejados pela maioria dos homens que ali se encontram, evidenciando masculinidades subalternizadas por se aproximarem das ‘feminilidades’ produzidas e legitimadas culturalmente. Assim, aprende-se no Tinder formas adequadas de ser homem, sob uma performance de virilidade e masculinidade hegemônica, que apontam para pedagogias de gênero e de sexualidade que se movimentam potentes na produção de subjetividades que atendam ao modelo heteronormativo, referência valorizada na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRITTO, Rovilson Robbi. **Cibercultura: Sob o olhar dos Estudos Culturais**. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática. Série comunicação e cultura).
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Tradução de Rogério Bettoni. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. **Da pedagogia às pedagogias – formas, ênfases e transformações**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.
- CAMOZZATO, Viviane Castro. Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender. **Em aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 107-119, jan./abr. 2018.
- CARVALHO, Rosângela Tenório de. Lili a garota atômica: representação da mulher. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 71-98, mai./ago. 2015.
- COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na confluência entre educação e comunicação, as pedagogias contemporâneas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843-862, 2015.
- ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning: media, architecture, pedagogy**. New York: Routledge, 2005.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001, p. 07-34.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hupert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARCUS, George. Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, Distrito Federal, México, v.11, n. 22, p. 111-127, jul./dez., 2001.
- SILVEIRA, Catharina da Cunha; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; FÉLIX, Jeane. A generificação da intersectorialidade no Programa Saúde na Escola. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 100, n. 255, p. 423-442, maio/ago. 2019.
- TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

[1] Disponível em: <https://canaltech.com.br/resultados-financeiros/tinder-alcanca-59-milhoes-de-assinantes-com-receita-us-12-bi-em-2019-160042/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

[2] Os nomes que apresentamos no texto foram escolhidos pelos próprios usuários enquanto eram entrevistados.